

Benjamín Domb

Amor, Ódio, Ignorância

Desafios na direção da cura

Parlêtre, é assim como Lacan chamou o que, num primeiro tempo, denominamos sujeito. Há aqui uma diferença, visto que sujeito é o que um significante representa para outro significante, ou seja, sujeito do inconsciente, estruturado como uma linguagem.

Ao longo de seu ensinamento ele introduz, de um lado alíngua, uma só palavra, e começa a referir-se não apenas ao sujeito do inconsciente mas também ao parlêtre, cuja tradução é falasser, aquele que por falar, é. Com certeza ele fala significante, mas ao falar com outros há um deslizamento para o significado e não para outro significante. Essa é a diferença entre o diálogo analítico e o diálogo habitual, fazendo com que Lacan dissesse que cada um fala sozinho, que não há diálogo.

Aqui aparece a questão do ser, tantas vezes evocada por Lacan como falta em ser, manque à être, desde o início do seu ensinamento.

A que remete essa falta em ser? Ao objeto α , radicalmente perdido, causa do desejo na constituição subjetiva.

Nenhum de vocês ignora as operações desta constituição: pulsões, como eco no corpo de que há um dizer, estágio do espelho, isto é, ter um corpo, castração,

ou seja, uma operação presidida pelo amor pelo pai, perda do objeto α seguida da aquisição da linguagem, constituição do inconsciente e do fantasma.

O que ignoramos é esse objeto α , perdido nessa constituição, do qual Lacan disse que é seu único invento, embora no mesmo seminário tivesse dito primeiro “eu te batizo o Real”, “porque se você não existisse seria necessário inventá-lo, isso remete ao seminário 21, Les non-dupes errent. Posteriormente, Lacan foi diferenciando o objeto α , situando-o no lugar de tampão do buraco, do real radical.

Não digo que neste momento não tenhamos alguma ideia desse objeto α , do qual Lacan falou ao longo de todo seu ensinamento, embora devamos reconhecer que ele foi dando cada vez maiores precisões sobre este objeto-falta.

Paixões do ser, na psicanálise assim são denominadas o amor, o ódio e a ignorância que se apresentam na nossa prática e, em geral na vida dos chamados parlêtres, em intensão e também em extensão.

Neste momento, estou dando um seminário e eu trabalho, de um lado, o mal-entendido próprio dos falantes e o real, que faz parte da estrutura do parlêtre, e aí eu faço a distinção entre o mal-entendido e o equívoco, sendo o primeiro uma questão do sentido com o qual falamos para, paradoxalmente, mal-entender, para falar sozinhos como diria Lacan, e o equívoco que ocorre em certas ocasiões no meio de tanto mal-entendido.

Os analistas apreciamos o equívoco porque ele nos permite ir de um significante “falho”, para outro significante a fim de buscar algo da ordem do

desejo. Lacan dirá que esta relação de significante para significante, independentemente do sentido, culmina em outro sentido que é, em última instância, sentido sexual, o sentido do não sentido.

Para que isso aconteça o analista deve estar na posição de incauto, dito de outra forma: o analista, para cumprir sua função, deverá destituir-se subjetivamente na análise, ele não é um sujeito.

Seu *savoir y faire*, seu saber fazer aí, é desprender-se de seu saber inconsciente que o habita, também de seus próprios fantasmas e até mesmo de seu saber teórico, para escutar o dizer do analisando.

Como diria Freud, cada sessão como se fosse a primeira. Isso em relação à ignorância no que diz respeito ao analista. Ele ignora e não demonstra saber, uma espécie de doura ignorância, deixando o saber do lado do analisando.

O analisando experimenta algo que parece ser o avesso, institui seu analista no lugar de Sujeito suposto Saber, dando lugar ao denominado amor de transferência, que pode chegar a transformar-se em paixão, entrando assim na denominada transferência negativa, isto é, não querer saber nada do seu inconsciente mas amar o analista como o objeto α , não perdido mas presente: o tampão do buraco.

Logicamente, na análise, em relação a estas paixões, podem ocorrer outras questões, também muito complexas. O analisando não quer saber nada de seus próprios mal-entendidos, nem qual é a origem nem de assumir seus sintomas nem de seu saber inconsciente. E ensaia às vezes o acting-out, ou seja, uma mostraçã

ou mais grave ainda, uma passagem ao ato que implica não querer saber nada, que pode acabar em tiro na cabeça, isto é, no suicídio.

É sabido que há muitas formas de amor, e também de ódio e de ignorância, sempre em relação ao corpo enodado à palavra e ao objeto α enquanto falta.

No início, Lacan colocava a disjunção entre o desejo de ser reconhecido pelo outro - ele o chamou o desejo de reconhecimento - ligado ao narcisismo, em oposição ao reconhecimento do desejo, isto é, reconhecimento da falta, da causa do desejo, ou seja, da castração.

A frustração do desejo de ser reconhecido leva implícita uma espécie de ferida narcísica que difere em cada sujeito e que conduz para as diferentes paixões - amor, ódio ou ignorância. Isso, é claro, também acontece na nossa prática, em certas ocasiões, por exemplo quando um analisando se sente rejeitado por seu analista, mal-entendido esse que ocorre com determinadas estruturas.

O reconhecimento conduz ao amor e o desconhecimento ao ódio, à destruição do outro, destruição imaginária, simbólica, e inclusive real.

Por último, não querer saber mais nada disso é o final da análise porque, no bom caso, é encontro com o real, além de todo saber.